

SEU DUDA E A COLUNA PRESTES

Alaor Chaves

Conheci-o em 1955, quando eu tinha doze anos. Por três anos, ouvi muitas das suas histórias, algumas das quais recordo bem. Minha família tinha mudado para Formosa, cidade coberta de poeira vermelha, quando não de barro, no Planalto Central, noventa quilômetros ao nordeste de Brasília, que pouco depois começou a ser construída. Sua casa, bem maior e mais bonita do que a nossa, ficava à nossa esquerda. Muitas vezes, saltei o muro de adobe para roubar frutas em seu quintal, que era antigo e enorme. As duas casas davam frente para uma praça cheia de árvores, circundada de árvores ainda mais altas.

Seu Duda, ou Eduardo, era um homem alto, magro, de uns oitenta anos, que passava a maior parte do dia sentado à frente da sua casa. De manhã, sempre usava um cachecol, pois às manhãs sempre corria um vento frio naquele planalto. Eu gostava dele e ele de mim. Um dia ele me falou que as jabuticabas haviam amadurecido. Assustei-me, percebi que ele sabia de tudo. Mas quando olhei para ele, sua reação foi um sorriso. Ele era cúmplice dos meus furtos, a confissão não poderia ser mais clara!

Seu Duda era um grande criador de gado na fazenda às margens do Paranã, rio que nascia ali mesmo no município. Havia dividido a fazenda com dois filhos, um genro e duas filhas solteiras, e mantinha sua parte, que o filho mais velho administrava. Meu pai, que se tornou seu grande amigo, me contou que a fazenda era enorme e que seu Duda era um dos homens mais ricos da cidade. Todo mundo gostava dele, não por ser rico, fato que não ajuda, mas por ser simpático, atencioso e bom falante.

Seus causos eram uma das melhores coisas das minhas tardes. Quando meu pai estava na cidade, também os ouvia, e os temas já eram outros; falavam da história daquele sertão, que seu Duda tinha ajudado a desbravar. A cidade tivera o nome de Formosa dos Couros, coisa que os residentes não gostavam que se mencionasse, e seu Duda explicou a origem do nome. Em tempos ainda mais antigos, a cidade, então um vilarejo, tinha o nome de Formosa, o mesmo da lagoa espreiada e muito azul que ficava ao seu lado. Mas o vilarejo era um entreposto de comércio de gado, e depois também de charque e carne de sol. Construíram um grande matadouro e também um curtume de couro de gado, e o curtume rebatizou a pequena cidade.

Seu Duda tinha sido todas as coisas capazes de deslumbrar um garoto que nascera e fora criado em fazendas – eu vivera em três, pois meu pai era quase um cigano.

Vaqueiro que cansava os cavalos na vistoria de gado quase selvagem criado solto nas 'largas', pastagens sem limites que não fossem córregos e ribeirões, em cujas várzeas o capim era melhor. Bom no laço, pois às vezes encontrava uma rês com bicheira em um fermento, e era preciso curá-la com creolina. Forte e destemido, mas não brigão, embora as circunstâncias o tivessem levado a uma ou outra briga. Certa vez, ele teria vinte e cinco anos, dois soldados implicaram com o revolver que ele trazia à vista e o intimaram a escondê-lo no bolso do arreio ou debaixo da camisa. Podiam ter falado com mais jeito e Eduardo os teria atendido, mas foram insolentes. Viu-se na obrigação de lhes dar uma surra. Ao mais atrevido deles, após vencê-lo Eduardo o fez provar da poeira da cidade. Essa história, que tinha realmente acontecido, pois a cidade a confirmava, ilustra os ásperos costumes daquele tempo e daquela região.

Ao oeste e próximo de Formosa, o vale do Paranã demarca a franja do planalto. O rio, cuja nascente segundo seu Duda ficava no planalto, descia uns duzentos metros enquanto crescia coletando água de outras nascentes das quebradas, finalmente se acalmava e subia para o norte, onde já muito grande se juntava com outro rio para formar o enorme Tocantins. O vale, ou vão, como o povo o chamava, era cheio de pedreira calcária com muitas cavernas. O terreno era um tanto acidentado, mas muito fértil, pois a cal tirava a acidez do solo e havia ainda outros minerais. O machado e o fogo fizeram o que era preciso para a formação de enormes pastagens. Daí o gado abundante e o couro fedorento do curtume, que os formosenses não gostavam que fosse lembrado.

Havia muita onça. A pintada era a maior delas, mas a mais numerosa era a suçuarana, onça parda que sempre morava em uma caverna ou loca de algum paredão de pedra. Era preciso matar as onças, senão elas comiam todos os bezerras e ainda os porcos. Eduardo as matava com voluptuosa determinação, e suas caçadas às vezes eram aventuras cuja narração me deliciava. Minha primeira paixão literária foi Seu Duda, Machado de Assis, veio um ano e muito depois. Machado, todos o conhecem. Já sobre o ignorado seu Duda, não me detenho mais porque se fizesse isso não concluiria esta minha narração, que captura um episódio que merece ser registrado por razões que extrapolam a mera distração.

Seu Duda era também um historiador, o que só reconheci mais tarde, à luz de melhor instrução. E uma das histórias que ele me contou, e que agora repito, é um fragmento da longa marcha de Luís Carlos Prestes, que a história registra como Coluna Prestes. Ei-la, como a ouvi. As palavras são minhas, pois na memória não sou capaz de recuperar as originais, bem melhores.

O dia mal tinha amanhecido quando assaltaram minha casa. Eram seis homens que traziam armas de canos longos, isso no ano de 1925 ou 1926. Os

vaqueiros e outros agregados não tinham dado qualquer sinal porque antes tinham sido vencidos por um número bem maior de homens, nenhum deles da região. Além dos fuzis, tinham também metralhadoras, que eu nunca tinha visto e nunca tornei a ver. Mandaram que nos acalmássemos e informaram que o comandante não tardaria a chegar. Ele chegou, e vi que eram tantos homens que assoberbavam todo o pátio à frente da casa e dos currais.

O comandante entrou, calçando botas imponentes. Era feio e baixinho, e uns o chamavam de capitão. Em sotaque desconhecido que achei bonito, disse que precisavam de suprimentos, de descansar e descansar os cavalos. Além das montarias, vi também mulas de carga, mas as cangalhas em seus lombos pareciam estar vazias, pois pelo andar de um burro ou mula sabe-se quanto peso o animal leva em seu lombo. Notei um grupo de mulas mais altas que carregavam peso maior. Soube depois que eram armas e principalmente munições.

Entramos e chegamos a um salão, em cujo fundo estavam acudados minha mulher e meus filhos. Minha mulher era bonita e minha filha mais velha, uma lindeza, estava virando mocinha. Temo principalmente por elas, expliquei, pois seus homens as observavam com certos olhares. Não temas isso, ele respondeu, não somos o tipo de bandoleiros que você imagina. Um dos meus homens abusou de uma mulher, por isso lhe demos um bom corretivo, o castramos e o fizemos fugir correndo pela campina. Somos revolucionários e vamos construir um Brasil justo. Temas pela sua riqueza que não hoje, mas em breve, será confiscada. Por enquanto, tomaremos alguns bois, mantimentos e todos os cavalos fortes que encontrarmos. Ficaremos uma semana, se for preciso um pouco mais.

Ele chegou à janela e deu ordens a alguns de seus homens, já montados em cavalos meus, para ir aos pastos, acompanhados de dois vaqueiros também meus, e trazer vinte bois. Escolhessem apenas novilhos, pois queremos carne macia, explicou. Quando partiram, logo notei que seus homens por certo tinham sido vaqueiros ou boiadeiros, embora fossem os mais mal vestidos do bando. Calçavam botinas gastas, não botas militares, como o capitão, todos os que lhe ficavam mais próximos e ainda muitos outros que vi espalhados pelo pátio. Militares revolucionários, pensei comigo, deviam começar tratando como seus iguais os homens do campo que antes produziam a comida que eles comiam e que pelo menos sabem como comandar um cavalo! Pensei isso porque havia muito menos cavalos do que homens, e as mulas de carga eram puxadas por homens simples que andavam a pé, como outros do bando.

O capitão saiu ao alpendre com seus tenentes e trocaram ideias. Entendi um pouco da situação e do que planejavam. Tropas do governo seguiam no seu encalce e talvez chegassem a Formosa, que eles tinham contornado pelo sul. Deduziriam que haviam contornado a cidade pelo norte e seguiriam para São João D'Aliança, o mais curto caminho para a Bahia e finalmente para o Nordeste. Ex-vaqueiros e um tenente tinham ficado para trás,

disfarçados de tropeiros, e vigiavam tudo. Definida a situação, que talvez até fosse a ausência de tropas de perseguição, eles viriam, trazendo cavalos roubados de fazendas. Abastecidos, bem alimentados e descansados, juntos seguiriam a descida para Minas, de onde entrariam na Bahia acima de São Romão.

Vasculharam a sede da fazenda, observaram um forno de barro, o chiqueiro e as tulhas de arroz e feijão. Acharam uns sacos de polvilho, outros de farinha e pelo menos cem rapaduras. As ordens logo vieram, com o tom de quem não as iria repetir: mande as mulheres fazer biscoito de todo o polvilho. Há poucos ovos, usem leite no seu lugar. Matem capados, cozinhem a carne e a armazenem em latas de querosene, enterradas na banha. Há muitas latas vazias, mande encher todas. Temos pressa, queremos carne de porco já no almoço de hoje. E café, por que diabos há tão pouco? Tá visto que ainda adoçam café com rapadura, é uma porcaria, mas vá lá. Bah, os atrasos desse norte! E cachaça, só tem daquela? Mande pegar também a cachaça e o fumo dos seus empregados. Se houver café, cachaça e fumo na vizinhança mande buscar. Nunca minta, quem tenta me iludir não fica impune.

Houve burburinho de gente trabalhando, como se fosse vésperas de um casamento. Os cigarros dos bandidos foram acesos, a cachaça foi toda consumida e galhas baixas das árvores começaram a se curvar ao peso de redes que, às centenas, acolhiam seus donos. Veio o almoço e antes já havia chegado mais cachaça. Nos currais e no pátio, brindaram com urras à revolução, e se empanturraram de vez.

A semana prosseguiu como o previsto. As mantas de carne de sol foram recolhidas e embaladas. As cangalhas tinham sido cheias até onde as mulas iriam suportar. Após oito dias, gordos e alegres, eles se foram. O capitão, que havia acabado de tomar banho com bom sabonete, me agradeceu pela hospitalidade. Não percebi ironia na sua voz nem nos seus olhos. Minha mulher finalmente chorou, rogando a Deus que eles não retornassem.